Revista eletrônica HISTÓRIA EM REFLEXÃO

PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ISSN: 1981-2434
Dourados - MS - Brasil

RESENHA

FALQUET, Jules. **Pax Neoliberalia**: Mulheres e a reorganização da violência neoliberal. Trad. Gustavo Racy. São Paulo: Sobinfluência edições, 2022. 180p.

REVIEW

FALQUET, Jules. **Pax Neoliberalia**: Women and the reorganization of neoliberal violence. Trad. Gustavo Racy. São Paulo: Sobinfluência edições, 2022. 180p.

KLEIRE ANNY PIRES DE SOUZA[1]

Como descrever o neoliberalismo de forma que não apenas inclua uma justificativa de sua existência enquanto polícia econômica, mas também evidencie o seu domínio sobre o social e a expansão intensificada desse domínio sobre corpos, sexos e raças específicas? É esse o esforço desenvolvido pela socióloga francesa Jules Falquet em *Pax Neoliberalia: Mulheres e a reorganização da violência neoliberal* (2022), publicado no Brasil pela Sobinfluencia Edições.

Nascida em Paris, defendeu sua tese, intitulada *Mulheres, movimento revolucionário, guerra e democratização: o movimento de mulheres e o feminismo em El Salvador (1970-1994),* na Sorbonne em 1997 e atualmente professora na Universidade Paris 8, no Departamento de Filosofia. Falquet construiu uma trajetória intelectual marcada pelo feminismo materialista e pelo lesbo-feminismo. Entre suas obras traduzidas ao português estão: *Breve resenha de algumas teorias lésbicas* (2013), *Pax Neoliberalia* (2022), e

[1]Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Bolsista CAPES e vínculada ao Grupo de Pesquisa Ensino de História, Memória e Culturas. E-mail: kkleire@gmail.com .

participações em *A anatomia política* (2021) e *O patriarcado desvendado: Teorias de três feministas materialistas* (2014). Além dos livros, sua produção inclui artigos fundamentais para os debates feministas contemporâneos e entrevistas em revistas acadêmicas tanto no Brasil quanto em outros países.

O livro se organiza em quatro capítulos que, embora escritos em diferentes contextos temporais e geográficos, articulam-se em torno de uma mesma perspectiva: compreender como a violência, atravessada por relações raciais e de classe, é reorganizada pela coerção neoliberal, com efeitos especialmente brutais no Sul Global. A edição brasileira foi traduzida por Gustavo Racy, com revisão de Fabiana Vieira Gibim. Desde a introdução, a autora explicita que a obra deve ser lida como um conjunto de ensaios que refletem sobre o que está em jogo materialmente e como isso incide sobre as mulheres, especialmente pela violência. Essa violência, por sua vez, é implicada pelas lógicas de raça e classe e, acima de tudo, é reorganizada pela ação neoliberal da coerção.

O livro permeia um debate construído por Jules Falquet e outras autoras por uma perspectiva materialista, na qual a mulher não é somente gênero, mas sim pertencente ao que ela irá construir ao longo do livro: a classe sexual. A classe sexual[2] é contextualizada por Falquet articulando o grupo de feministas e teóricas francesas como Christine Delphy, Nicole-Claude Mathieu e Colette Guillaumin. Falquet, a partir desse conceito, tenta demonstrar de que maneira isso está dentro da lógica neoliberal e da sua suposta “Pax”. É uma paz que, para existir, depende da violência contínua e metódica contra as mulheres, usando-as como um dos principais pilares de sustentação do sistema.

Os capítulos desenvolvem análises situadas. Divididas em quatro capítulos. O primeiro intitulado “Guerra de Baixa intensidade contra as mulheres?”: A violência doméstica como tortura: reflexões a partir de El Salvador, onde a autora analisa El Salvador, explorando as continuidades entre tortura

[2]Uma das principais características dessa corrente é afirmar que as mulheres não são uma categoria biológica, mas uma classe social definida por rapports sociais de sexo, histórica e geograficamente variáveis, centralmente organizados em torno da apropriação individual e coletivada classe de mulheres por aquela dos homens, por meio do que Colette Guillaumin (1978, 1992) denominou sexage (sexagem). Esses rapports são solidamente apoiados no que ela chamou de ideologia da Natureza – na qual estão subjacentes também os rapports sociais de “raça” (Falquet, 2014, p.10).

política e violência doméstica, evidenciando como o que se apresenta como "violência privada" é atravessado por lógicas estatais e militares de controle social. No segundo, *Além das lágrimas dos homens. A instituição do serviço militar na Turquia*, Falquet examina como o serviço militar constitui-se como espaço de disciplinamento e produção de masculinidades, estruturando uma "classe de homens" que se organiza coletivamente em torno da apropriação da violência. O terceiro, *Os feminicídios de Ciudad Juárez e a recomposição neoliberal da violência*, a autora discute como os assassinatos sistemáticos de mulheres pobres, migrantes e racializadas funcionam como mecanismo de terror social e de regulação política em um território fronteiriço central para o neoliberalismo. Por fim, em *Lutas (de)coloniais ao redor do território-corpo. Da guerra ao extrativismo neoliberal na Guatemala*, Falquet focaliza as resistências de mulheres indígenas contra a persistência de violências neocoloniais, articuladas ao extrativismo e à militarização territorial.

A escolha do título *Pax Neoliberalia* deve ser entendida como uma ironia política. Ao nomear de "paz" um regime que se sustenta na coerção e na violência, Falquet chama atenção para o modo como o neoliberalismo cria uma aparência de estabilidade social ao mesmo tempo em que generaliza violências múltiplas. Essa "paz" é, portanto, um arranjo de governança que normaliza o terror cotidiano, reorganizando a violência em novas escalas e formas. Não se trata de ausência de violência, mas da sua dispersão e recomposição de modo a sustentar o funcionamento global do neoliberalismo. Além disso, o conceito apresentado pela autora é um pastiche do termo histórico "Pax Romana". A autora utiliza essa referência para designar, de forma irônica ou por antítese, o estado paradoxal e instável de paz imposta que caracteriza o mundo sob a ordem neoliberal.

Um dos conceitos centrais que sustenta a análise que permeia todo o livro é a noção de classe sexual. Para Falquet, "mulheres e homens não são categorias naturais, mas construtos sociais e, de modo mais preciso, classe de sexo ou classes sexuais" (Falquet, 2021, p. 91). Esse enquadramento permite compreender que a violência não é resultado de uma suposta essência masculina, mas um instrumento historicamente apropriado e organizado por homens enquanto classe. Essa perspectiva revela como, mesmo em situações

de exploração ou marginalidade social, os homens conservam formas de poder frente às mulheres. Como a própria autora recorda, “o mais miserável e dominado dos homens, quase sempre encontra a possibilidade de, ao menos, se comprar uma puta” (Tabet apud Faquet, 2021, p. 92). Trata-se, portanto, de uma organização de classe robusta, que atravessa as estruturas de violência e poder.

É nesse sentido que o exército e o serviço militar aparecem como exemplos privilegiados de institucionalização dessa lógica. A violência, muitas vezes considerada como força natural dos homens, é, na realidade, apropriada e instrumentalizada enquanto ferramenta de dominação. Falquet demonstra que ela é ensinada, cultivada e mobilizada como recurso de poder de classe, produzindo formas de sociabilidade masculina baseadas no agrupamento, na proteção mútua e na obediência hierárquica.

A partir daí, o livro se desdobra em diferentes regiões e contextos, mas sempre a partir da mesma chave analítica: a violência como elemento constitutivo da governança neoliberal. Falquet mostra que o neoliberalismo não elimina nem substitui a violência; ao contrário, ele a reorganiza, normaliza, altera suas formas e a inscreve em práticas cotidianas. Essa reorganização ocorre a partir da materialidade sexual, na qual os homens, enquanto classe, detêm o monopólio da violência.

No primeiro capítulo, intitulado “Guerra de Baixa intensidade contra as mulheres?”: A violência doméstica como tortura: reflexões a partir de El Salvador, a autora aborda a ideia de “guerra de baixa intensidade”, comparando a violência doméstica à tortura, de modo a mostrar como as mulheres vivem permanentemente em estado de vulnerabilidade social. Essa forma de “tortura” é inclusive favorecida pelo próprio Estado, dada a baixa efetividade das punições relacionadas a crimes de violência doméstica. El Salvador aparece como cenário exemplar dessa guerra. Embora seja um texto escrito há mais de dez anos, ele continua a servir como referência para entender essa “guerra de baixa intensidade”. Quando o Estado usa o terror como controle, construído sua própria guerra atribuída como de “baixa intensidade” por ser o cotidiano de mulheres num nível onde não há um campo de batalha traçado, onde há armas em disputas, mas sim apenas vítimas contra seus abusadores. Onde há controle

social, vulnerabilidade, negligência e eterno estado de terror.

O segundo capítulo *Além das lágrimas dos homens. A instituição do serviço militar na Turquia* toma como cenário a Turquia para demonstrar que os homens constituem uma classe sexual (Guillaumin, 2016) que se impõe por meio do uso da violência em diferentes contextos. Embora a violência seja exercida pelos homens, ela não lhes pertence naturalmente, mas é moldada e apropriada para subjugar as mulheres, assegurando-lhes o controle social. Um exemplo da renovação constante dessa classe é o serviço militar, que constrói e reforça a ideia de "classe" e de união, mantendo continuamente os "detentores" da violência e, com isso, suas vítimas. Neste capítulo, Falquet desmonta a partir de uma abordagem materialistas as perspectivas de gênero, passando a operar pelo que chama de classe sexual e aborda as operações realizadas por essa classe e que buscam retratar os homens como vítimas também da violência e que por mais que sejam forjados nela e com ela, a violência não é natural, mas sim construída como forma de controle, logo

> a violência não é masculina no sentido de que não pertence aos homens. Ela não produz masculinidade e ela não é inerente ao ser humano. A violência é ensinada a certos grupos sociais aos quais toda ou uma parte da sociedade atribuiu o privilégio de seu exercício legítimo (Falquet, 2022, p.95).

O terceiro capítulo analisa o contexto da cidade mexicana de Ciudad Juárez, na fronteira com os Estados Unidos, introduzindo o conceito de feminicídio em sua formulação como violência e morte específicas das mulheres, ancoradas em sua materialidade social. Falquet relembra que a noção já esteve ligada ao termo "femicídio" e destaca como, em Juárez, os feminicídios sexuais se tornaram espetacularizados pela exposição midiática incessante. Essa espetacularização transforma a violência em espetáculo inevitável, enquanto o Estado não promove nem cobra políticas de proteção para as mulheres. Esses crimes funcionam ainda como mensagens de terror dirigidas às mulheres, lembrando-as de seu "lugar" no mundo social. O resultado é o confinamento das mulheres no espaço privado como forma de "proteção" contra a violência pública, o que reforça sua subserviência e reatualiza a lógica da acumulação primitiva (Federici, 2016), impedindo sua organização coletiva e resistência. Além do desprezo máximo por parte das autoridades "As famílias que buscam suas

desaparecidas ou então, que vem para reconhecer os corpos, se chocam com a negligência, com o desprezo mesmo, e com a violência da polícia. Os documentos, as provas e mesmo os restos mortais são misturados ou perdidos" (Falquet, 2022, p.102).

O quarto e último capítulo foca nas lutas das mulheres indígenas na Guatemala contra a ditadura de Ríos Montt e, posteriormente, contra os projetos de mineração extrativista. Em *Lutas (de)coloniais ao redor do "território-corpo": da guerra ao extrativismo neoliberal na Guatemala*, demonstra que o país foi alvo de uma colonização interna permanente, especialmente ao longo do século XX, quando as terras férteis do Norte passaram a ser exploradas pelas mineradoras. Frente a isso, surgiram movimentos de mulheres indígenas como as Actoras de Cambio, entre outras, que buscaram romper tanto com a exploração das terras quanto com a violência exercida contra seus corpos. Essas mulheres enfrentaram múltiplas formas de violência, sendo a sexual a mais recorrente, além de massacres e genocídio. A resistência se construiu pela criação de práticas e imaginários coletivos capazes de combater o patriarcado maia, o patriarcado colonial e o extrativismo neoliberal.

Por fim, destaco a relevância do livro de Jules Falquet que, além de oferecer uma análise riquíssima das configurações políticas do neoliberalismo, consegue sistematizar suas ações tomando como ponto central as mulheres em todas as suas dimensões, sejam elas de classe ou de raça. Trata-se de uma obra fundamental para compreender que as políticas neoliberais não se limitam ao âmbito econômico, mas implicam também uma economia moral, isto é, uma prática sistemática sustentada por mecanismos que asseguram a manutenção de suas estruturas. E que suas estruturas moldam as condições sexuais, distinguindo o valor, o poder e a posição de cada pessoa nessa ordem estrutural. Nesse sentido, a autora demonstra que o principal mecanismo dessa engrenagem é a violência, instrumentalizada a serviço do neoliberalismo para garantir a reprodução do domínio patriarcal que, por sua vez, retroalimenta o próprio sistema neoliberal. A violência, longe de ser meramente simbólica ou difusa, tem alvos definidos: possui endereço, cor, geografia e sexo. O trabalho de Falquet é inestimável ao demonstrar que, por mais que muitos analistas insistam em circunscrever o capitalismo contemporâneo apenas às práticas

econômicas, o que está em jogo vai muito além: trata-se de controle, de mutações e de uma constante reorganização dos mecanismos de dominação.

Em síntese, *Pax Neoliberalia* oferece uma chave de leitura materialista para compreender a violência contemporânea não como exceção ou desvio, mas como fundamento estrutural da ordem neoliberal. Falquet demonstra que a coerção não é resquício de tempos passados, mas um mecanismo atual e indispensável à reprodução das desigualdades globais. Ao iluminar a articulação entre neoliberalismo e violência contra as mulheres, a autora revela que a violência não é apenas efeito colateral, mas parte constitutiva da lógica neoliberal.

Agora as noites são longas, desde a terrível madrugada
Mas um dia encontraremos consolo, compita,
Para saber que isto da morte é pura papada
Que a nossa coisa é a vida sem permissões, sem negócios, sem mentiras
(Melissa Cardoza, 2016 apud Falquet 2022, p.166).

REFERÊNCIAS

FALQUET, Jules. Por uma anatomia das classes de sexo: Nicole-Claude Mathieu ou a consciência das oprimidas. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 32, p. 9-23, jan./jun. 2014. DOI: 10.23925/ls.v18i32.25688.

FALQUET, Jules. ***Pax Neoliberalia: Mulheres e a reorganização da violência neoliberal*****.** Tradução de Gustavo Racy. Revisão de Fabiana Vieira Gibim. São Paulo: Sobinfluencia Edições, 2022.

FEDERICI, Silvia. ***Um salaire pour le travail ménager. Point zéro: propagation de la révolution*****.** Donnemarie-Dontilly: Éditions iXe, 2016.

GUILLAUMIN, Colette. ***Pratique du pouvoir et idée de nature. Sexe, race et pratique du pouvoir. L'idée de Nature***. Donnemarie-Dontilly: Éditions iXe, 2014.

MATHIEU, Nicole-Claude. ***A anatomia política***. Tradução de Maíra Kubík Mano. Prefácio de Maíra Kubík Mano e Jules Falquet. Salvador: EDUFBA/NEIM, 2021. (Coleção Bahianas).

Recebido em 18/09/2025.

Aprovado para publicação em 01/10/2026.